

Lendas e mitos do Brasil

N.Cham. 398.20981 L564 2007

Título: Lendas e mitos do Brasil .

LETRAS

398.20981

L564

2007



346071002

493563

398.90921

1569

2007

Lendas e mitos do Brasil

Maria José de Castro Alves
Coordenação Linha Editorial

Maria Antonieta Pereira
Coordenação Geral

Belo Horizonte – 2007

PROGRAMA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

ATELA E O TEXTO

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Telefone (31) 3409-6054

www.letras.ufmg.br/atelacotexto

atelacotexto@yahoo.com.br

Registro SIBEX nº 10.416

Registro na Biblioteca Nacional nº 7758

Registro no INPI 20040B900086

U.F.M.G. – BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



346071002

NÃO DANIFIQUE ESSA ETIQUETA

APRESENTAÇÃO

A equipe da Linha Editorial *Tela e Texto*, por meio do Programa de Ensino Pesquisa e Extensão *A tela e o texto*, da Faculdade de Letras da UFMG, comemora, com o lançamento de *Lendas e mitos do Brasil*, a publicação do quarto livro editado pelo Projeto — que tem como objetivo divulgar literatura brasileira de qualidade para a população de baixa renda, tornando acessível a aquisição desse bem cultural e promovendo a expansão da leitura.

Considerando que o alto custo do livro, em geral, constitui um dos entraves para que a população brasileira atinja um nível satisfatório de leitura, a Linha Editorial tem como proposta a publicação de edições baratas, ao preço de capa de R\$1,99, cuja venda permita o financiamento de outro livro e assim sucessivamente, de forma a ampliar o acesso à leitura.

Após a experiência de três livros publicados no formato de bolso: *Poesia, Prosa e Presente Poético* (compostos por textos de domínio público e de autores contemporâneos) além de uma publicação em formato padrão, *For-*

mando leitores de telas e textos (com relatos de experiências sobre o ensino, a produção e a leitura de telas e textos, de autoria dos participantes do Programa *A tela e o texto*), dessa vez a escolha foi por uma coletânea que abrangesse a literatura de outras regiões, além de Minas Gerais, valorizando esse vasto território cultural brasileiro.

O livro é composto por quatorze lendas e mitos que pertencem ao folclore do Brasil. Os textos e as ilustrações transportam o leitor para a magia do mundo criado pela comunhão do homem com sua história e sua cultura, revivida nos causos, mitos e lendas transmitidos de geração em geração.

O projeto gráfico, a diagramação e as ilustrações deste livro, realizados pelos alunos da Escola de Belas Artes da UFMG, são fruto da intertextualidade entre a linguagem do texto e a linguagem da tela — cada desenho tecendo sua representação do sentido produzido pela leitura da palavra.

A todos que se encantam com o folclore, a história e a arte, uma ótima leitura!

SUMÁRIO



- A LENDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO** **9**
(Presente no sul do Brasil)



- A LENDA DO SACI** **12**
(Em uma das versões do folclore brasileiro)



- A LENDA DO SURGIMENTO DA NOITE** **15**
(Em uma versão do folclore indígena brasileiro)



- A LENDA DA MULA-SEM-CABEÇA** **19**
(Em uma das versões do folclore brasileiro)



- ZAORIS** **22**
(Lenda do Sul do Brasil)



- JERICOACOARA** **27**
(Região Nordeste do Brasil, Ceará)



- MITO DO CAIPORA** **30**
(folclore brasileiro)



- A LENDA DO PIRARUCU** **34**
(Região Norte do Brasil, Amazonas)



- MITO INDÍGENA DO SOL** **39**
(Índios Tucuna, Vale do Rio Solimões, Amazonas)



- A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA** **42**
(Lenda da região Norte do Brasil, Amazonas)



- A LENDA DA MANDIOCA** **46**
(Região Norte do Brasil, Amazonas)



- LENDA DO GUARANÁ** **51**
(Lenda da região Norte do Brasil, Amazonas)



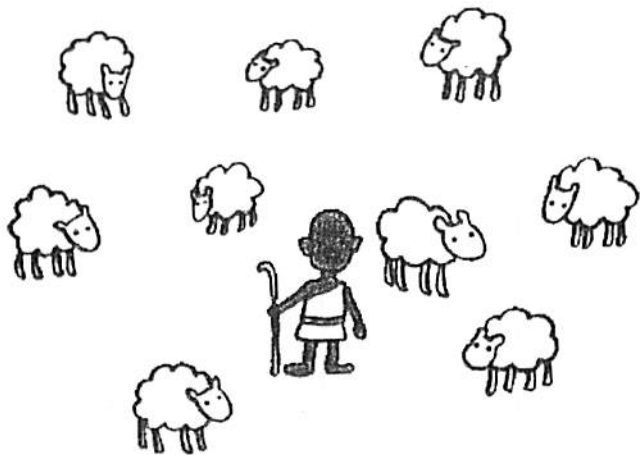
- A LENDA DO BOTO** **54**
(Região Norte do Brasil, Amazonas)



- A LENDA DA COBRA GRANDE** **58**
(Região Norte do Brasil, Pará e Amazonas)

A LENDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO

(Presente no sul do Brasil)



O Negrinho do Pastoreio é uma lenda meio africana meio cristã. Muito contada no final do século passado pelos brasileiros que defendiam o fim da escravidão, é bastante popular no sul do Brasil.

Nos tempos da escravidão, havia um estancieiro malvado que perseguia negros e peões. Num dia de inverno, fazia um frio de rachar e o fazendeiro mandou que um menino negro de quatorze anos fosse pastorear cavalos e potros recém-comprados. No final da tarde, quando o menino voltou, o estancieiro lhe disse que faltava um cavalo baio. Pegou o chicote e deu uma surra tão grande no menino que ele ficou sangrando.

“Você vai me dar conta do baio, ou verá o que acontece”, disse-lhe o malvado patrão. Afrito, ele foi à procura

do animal. Em pouco tempo, achou o baio pastando. Laçou-o, mas a corda se partiu e o cavalo fugiu de novo. Na volta à estância, o patrão, ainda mais irritado, espancou o garoto e o amarrou, nu, sobre um formigueiro.

No dia seguinte, quando ele foi ver o estado de sua vítima, tomou um susto. O menino estava lá, mas de pé, com a pele lisa, sem nenhuma marca das chicotadas. Ao lado dele, estava a Virgem Nossa Senhora e mais adiante o baio e os outros cavalos. O estancieiro jogou-se ao chão pedindo perdão, mas o negrinho nada respondeu.

Apenas beijou a mão da Santa, montou no baio e partiu, conduzindo a tropilha.



A LENDA DO SACI

(Em uma das versões do folclore brasileiro)



Daniela Moreira

A lenda do saci data do fim do século XVIII. Durante a escravidão, as amas-secas e os caboclos-velhos assustavam as crianças com os relatos das travessuras dele. Seu nome no Brasil é de origem Tupi Guarani.

Em muitas regiões do Brasil, o saci é considerado um ser brincalhão enquanto que em outros lugares ele é visto como um ser maligno.

O saci é uma criança, um negrinho de uma perna só, que fuma um cachimbo e usa na cabeça uma carapuça vermelha que lhe dá poderes mágicos, como o de desaparecer e aparecer onde quiser. Existem três tipos de sacis: o Pererê, que é pretinho, o Trique, moreno e brincalhão, e o Saçurá, que tem olhos vermelhos. Ele também se transforma numa ave chamada Matiaperê cujo assobio melancólico dificilmente se

sabe de onde vem. O saci adora fazer pequenas travessuras, como esconder brinquedos, soltar animais dos currais, derramar sal nas cozinhas, fazer tranças nas crinas dos cavalos etc. Diz a crença popular que dentro de todo redemoinho de vento existe um saci. Ele não atravessa córregos nem riachos.

Alguém perseguido por ele deve jogar cordas com nós em seu caminho, porque ele vai parar para desatar os nós e, assim, deixa que a pessoa fuja.

Diz a lenda que, se alguém jogar dentro do redemoinho um rosário de mato bento ou uma peneira, poderá capturar o saci e, se conseguir pegar sua carapuça, será recompensado com a realização de um desejo.



sabe de onde vem. O saci adora fazer pequenas travessuras, como esconder brinquedos, soltar animais dos currais, derramar sal nas cozinhas, fazer tranças nas crinas dos cavalos etc. Diz a crença popular que dentro de todo redemoinho de vento existe um saci. Ele não atravessa córregos nem riachos.

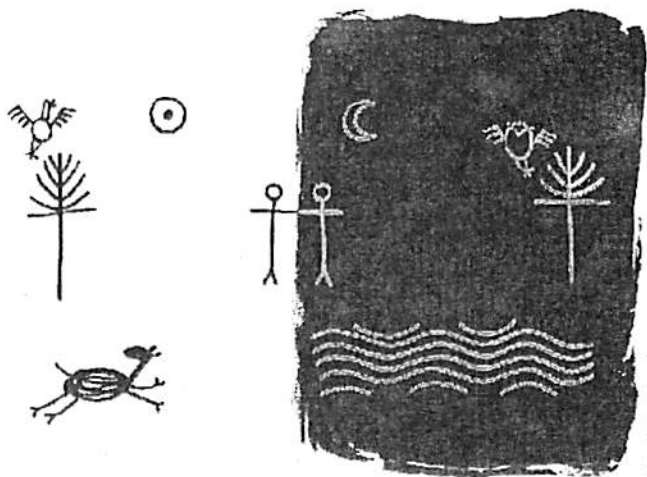
Alguém perseguido por ele deve jogar cordas com nós em seu caminho, porque ele vai parar para desatar os nós e, assim, deixa que a pessoa fuja.

Diz a lenda que, se alguém jogar dentro do redemoinho um rosário de mato bento ou uma peneira, poderá capturar o saci e, se conseguir pegar sua carapuça, será recompensado com a realização de um desejo.



A LENDA DO SURGIMENTO DA NOITE

(Em uma versão do folclore indígena brasileiro)



Daniela Moreira

No começo do mundo só havia o dia. A noite estava adormecida nas profundezas do rio com Boiúna, cobra grande que era senhora do rio. A bela filha de Boiúna tinha se casado com um rapaz de um vilarejo nas margens do rio.

Seu marido, um jovem muito bonito, não entendia porque ela não queria dormir com ele. A filha de Boiúna respondia sempre:

- É porque ainda não é noite.

- Mas não existe noite. Somente dia!
- ele respondia.

Até que um dia a moça lhe disse para buscar a noite na casa de sua mãe Boiúna.

Então, o jovem esposo mandou seus três fiéis amigos pegarem a noite nas profundezas do rio.

Boiúna entregou-lhes a noite den-

tro de um caroço de tucumã, como se fosse um presente para sua filha.

Os três amigos estavam carregando o tucumã quando começaram a ouvir barulho de sapinhos e grilos que cantam à noite.

Curiosos, resolveram abrir o tucumã para ver que barulho era aquele. Ao abri-la, a noite soltou-se e tomou conta de tudo.

De repente, escureceu.

A moça, em sua casa, percebeu o que os três amigos tinham feito.

Então, decidiu separar a noite do dia, para que esses não se misturassem.

Pegou dois fios. Enrolou o primeiro, pintou-o de branco e disse:

- Tu serás cujubin, e cantarás sempre que a manhã vier raiando.

Dizendo isso, soltou o fio, que se

transformou em pássaro e saiu voando.

Depois, pegou o outro fio, enrolou-o, jogou as cinzas da fogueira nele e disse:

- Tu serás a coruja, e cantarás sempre que a noite chegar.

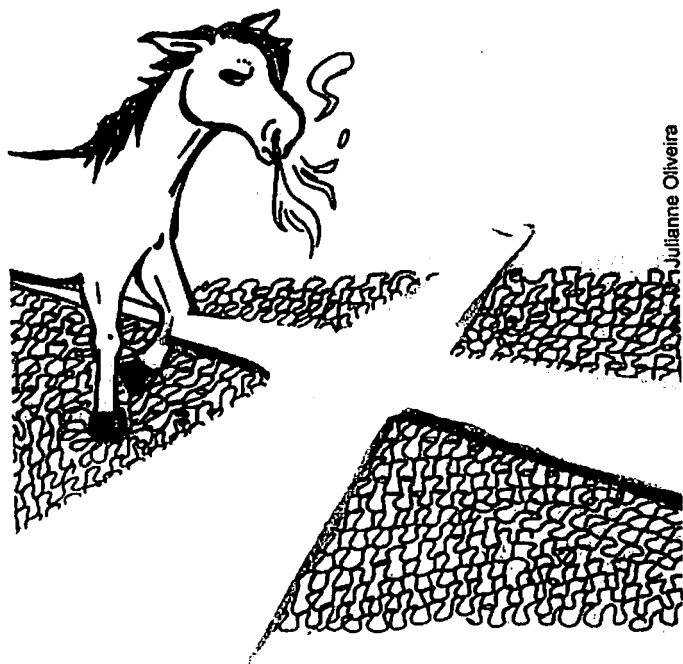
Dizendo isso, soltou-o, e o pássaro saiu voando.

Então, todos os pássaros cantaram a seu tempo e o dia passou a ter dois períodos: manhã e noite.



A LENDA DA MULA-SEM-CABEÇA

(Em uma das versões do folclore brasileiro)



Julianne Oliveira

Nos pequenos povoados ou cidades onde existam casas rodeando uma igreja, em noites escuras, pode haver aparições da Mula-Sem-Cabeça. Se alguém passar correndo diante de uma cruz à meia-noite, ela também aparece. Dizem que é uma mulher que namorou um padre e foi amaldiçoada.

Em toda passagem de quinta para sexta-feira, ela vai a uma encruzilhada e ali se transforma na besta. Então, ela vai percorrer sete povoados, ao longo daquela noite e, se encontrar alguém, chupa seus olhos, unhas e dedos.

Apesar do nome “Mula-Sem-Cabeça”, na verdade, de acordo com quem já a viu, ela aparece como um animal inteiro, forte, lançando fogo pelas narinas e boca, onde tem freios de ferro.

Nas noites em que ela sai, ouve-se seu galope, acompanhado de longos

relinchos.

Às vezes, parece chorar como se fosse uma pessoa. Ao ver a mula devese deitar de bruços no chão e esconder unhas e dentes para não ser atacado.

Se alguém, com muita coragem, tirar os freios de sua boca, o encanto será desfeito e a Mula-Sem-Cabeça voltará a ser gente, ficando para sempre livre da maldição que a castiga.



ZAORIS

Lenda do Sul do Brasil



Julianne Oliveira

Nosso Senhor Jesus Cristo louvado seja para sempre! Amém!

Ele foi preso na quarta-feira, sentenciado na quinta e crucificado na sexta.

E neste mesmo dia de sexta-feira houve no Céu o julgamento dos carrascos de Nosso Senhor, e logo desceu à Terra o arcanjo São Miguel com a ordem de castigar os judeus; e o arcanjo passou essa ordem aos anjos que estavam de guarda à Cruz, onde Nosso Senhor estava pregado e morto. Enquanto São Miguel esteve na Terra, deixou sobre ela muito brilho da sua couraça de ouro e das suas armas, e muita ventania das suas asas de prata.

A gente já nascida estava condenada, pelo pecado de ter maltratado e morto Jesus Cristo. Mas as crianças ainda não nascidas não podiam sofrer

castigo, porque não tinham culpa alguma. Porém os anjos da guarda da Cruz não sabiam disso e iam castigá-las da mesma forma, porque o arcanjo São Miguel se esquecera de avisar sobre as crianças que nascessem naquele dia, que era justamente o da sentença de Deus.

Por isso a Virgem Maria, que sabia do esquecimento de São Miguel, em memória do seu filho Jesus, não deixou os anjos da guarda da Cruz castigarem as crianças nascidas nessa Sexta-feira. E então, para diferenciá-las das outras, fez um milagre: mandou que a ventania das asas de prata do arcanjo ventasse sobre os olhos dos que fossem nascendo nesse dia santo, e mandou que o brilho das armas de ouro também brilhasse sobre eles.

E desse jeito todos ficaram assinalados

e puderam ser diferenciados dos nascidos na véspera. E bem diferenciados, porque podiam ver através da água, até o seu fundo, e através das muralhas e montanhas, até o outro lado delas — tudo ficou transparente para eles.

E como a Virgem Maria não disse que subisse outra vez ao céu a ventania das asas de prata do arcanjo nem o brilho das suas armas de ouro, esses dons ficaram na terra. E, em todas as sextas-feiras santas, essas graças procuram os olhos das crianças recém-nascidas, que então ficam com o dom de ver no escuro e através de qualquer tapamento de pedra, madeira ou ferro...

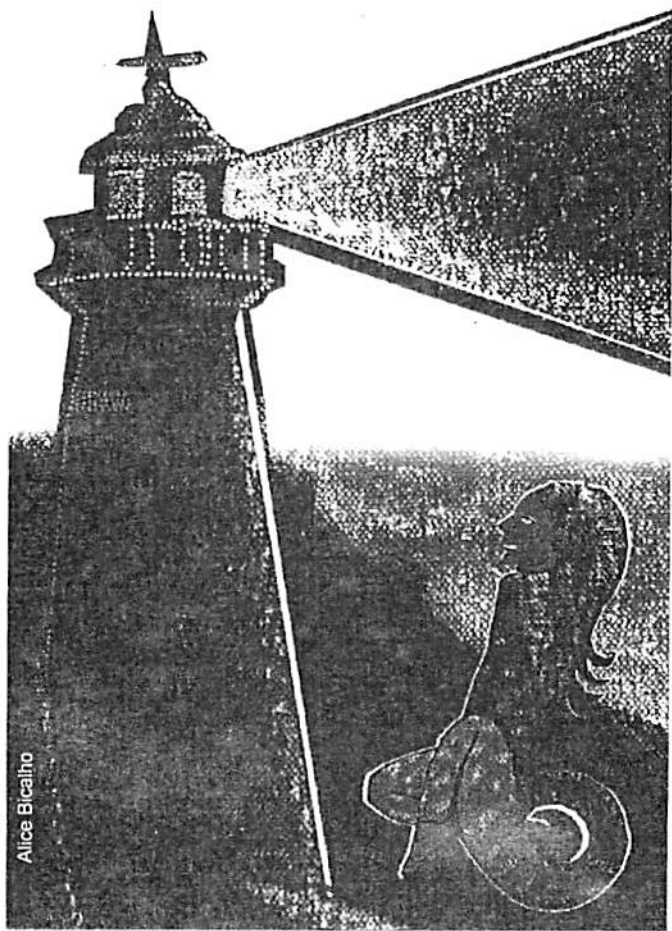
Para essas crianças, nada existe (escondido ou enterrado) que seus olhos não vejam, como vêem os olhos dos outros homens em dia claro. Esses,

que nasceram em sexta-feira santa, são chamados, no Sul do Brasil, de *z'avoris*.



JERICOACOARA

(Região Nordeste do Brasil, Ceará)



Os habitantes de Jericoacoara, cidade do Ceará, afirmam que, debaixo do morro do farol, existe uma cidade encantada onde mora uma linda princesa.

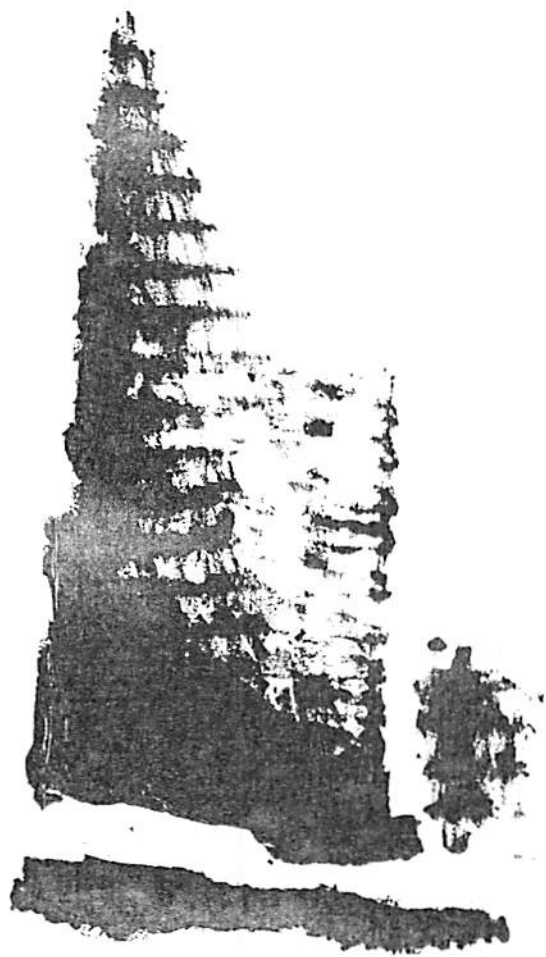
Perto da praia, quando a maré está baixa, há uma fuma onde só se pode entrar agachado, pela boca da caverna. Mas não se pode percorrer esse labirinto porque ele está bloqueado por um enorme portão de ferro.

A cidade encantada e a princesa estão guardadas para além daquele portão. A moça encantadora está transformada, por magia, numa serpente de escamas de ouro, só tendo a cabeça e os pés de mulher. Ela só poderá ser desencantada com sangue humano. No dia em que alguém for sacrificado junto do portão, ele se abrirá para um reino maravilhoso. Com seu sangue, deverá

ser feita uma cruz no dorso da serpente. E então surgirá a princesa com toda a sua beleza, cercada de tesouros inimagináveis. Também aparecerá a cidade encantada com suas torres douradas e sua imensa riqueza. O moço responsável pelo desencantamento poderá casar com a princesa cuja beleza não tem igual nesse mundo.

Mas como até hoje não apareceu ninguém disposto a quebrar o encanto, a princesa — metade mulher, metade serpente — com seus tesouros e sua cidade encantada continua na gruta à espera do herói salvador.





Daniel Biliac

MITO DO CAIPORA

(folclore brasileiro)



Os índios já conheciam o mito do Caipora desde a época do descobrimento. Índios e jesuítas também chamavam o Caipora de Caiçara, o protetor da caça e das matas.

O Caipora é um anão muito poderoso e forte, de cabelos vermelhos, com pêlo e dentes verdes. Como protetor das árvores e dos animais, costuma punir os agressores da Natureza e os caçadores que matam por prazer.

Seus pés voltados para trás servem para despistar os caçadores, deixando-os sempre a seguir rastros falsos. Quem o vê, perde totalmente o rumo, e não sabe mais achar o caminho de volta para casa. É impossível capturá-lo. Para atrair suas vítimas, às vezes ele chama as pessoas com gritos que imitam a voz humana.

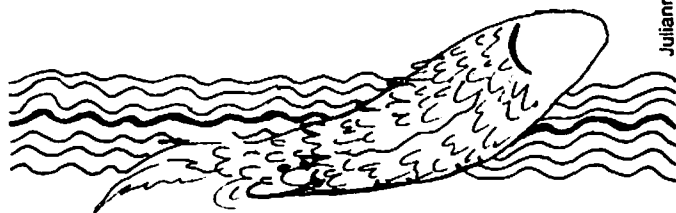
É também chamado de Pai ou Mãe-do-Mato, Curupira e Caipora. Para os Índios Guaranis, ele é o Demônio da Floresta. Às vezes é visto montando um Porco do Mato. Uma carta do Padre Anchieta datada de 1560, dizia: “Aqui há certos demônios, a que os índios chamam Curupira, que os atacam muitas vezes no mato, dando-lhes açoites e ferindo-os bastante”. Para agradar o Caipora, os índios deixavam penas, esteiras e cobertores nas clareiras.

De acordo com as crenças populares, ao entrarmos numa mata, devemos levar um rolo de fumo para agradar o Caipora, no caso de cruzarmos com ele.



A LENDA DO PIRARUCU

(Região Norte do Brasil, Amazonas)



Julianne Oliveira

O pirarucu é um peixe da Amazônia, cujo comprimento pode chegar a até 2 metros. Suas escamas são grandes e rígidas o suficiente para serem usadas como lixas de unha, como artesanato ou simplesmente vendidas como *souvenirs*.

A carne do pirarucu é suave e usada em pratos típicos da região. Pode também ser preparada de outras maneiras, freqüentemente salgada e exposta ao sol para secar. Se fresca ou seca, a carne do pirarucu é sempre uma delícia em qualquer receita.

Pirarucu era um índio que pertencia a tribo dos Uaiás a qual habitava as planícies de Lábrea no sudoeste da Amazônia. Ele era um bravo guerreiro, mas tinha um coração perverso, mesmo sendo filho de Pindarô, um homem de bom coração e também chefe da tribo. Pirarucu era cheio de

vaidades, egoísmo e excessivamente orgulhoso de seu poder.

Um dia, enquanto seu pai fazia uma visita amigável a tribos vizinhas, Pirarucu se aproveitou da ocasião para tomar como reféns os índios da aldeia e executá-los sem nenhum motivo. Pirarucu também adorava criticar os deuses.

Tupã, o deus dos deuses, observou Pirarucu por um longo tempo, até que cansado daquele comportamento, decidiu punir Pirarucu. Tupã chamou Polo e ordenou que ele espalhasse seu mais poderoso relâmpago na área inteira. Ele também chamou Iururaruçu, a deusa das torrentes, e ordenou que ela provocasse as mais fortes torrentes de chuva sobre Pirarucu, que estava pescando com outros índios às margens do rio Tocantins, não muito longe da aldeia.

O fogo de Tupã foi visto por toda a floresta. Quando Pirarucu percebeu as ondas furiosas do rio e ouviu a voz enraivecida de Tupã, ele somente as ignorou com uma risada e palavras de desprezo.

Então, Tupã enviou Xandoré, o demônio que odeia os homens, para atirar relâmpagos e trovões sobre Pirarucu, enchendo o ar de luz. Pirarucu tentou escapar, mas enquanto ele corria por entre os galhos das árvores um relâmpago fulminante enviado por Xandoré acertou o coração do guerreiro que, mesmo assim, recusou-se a pedir perdão.

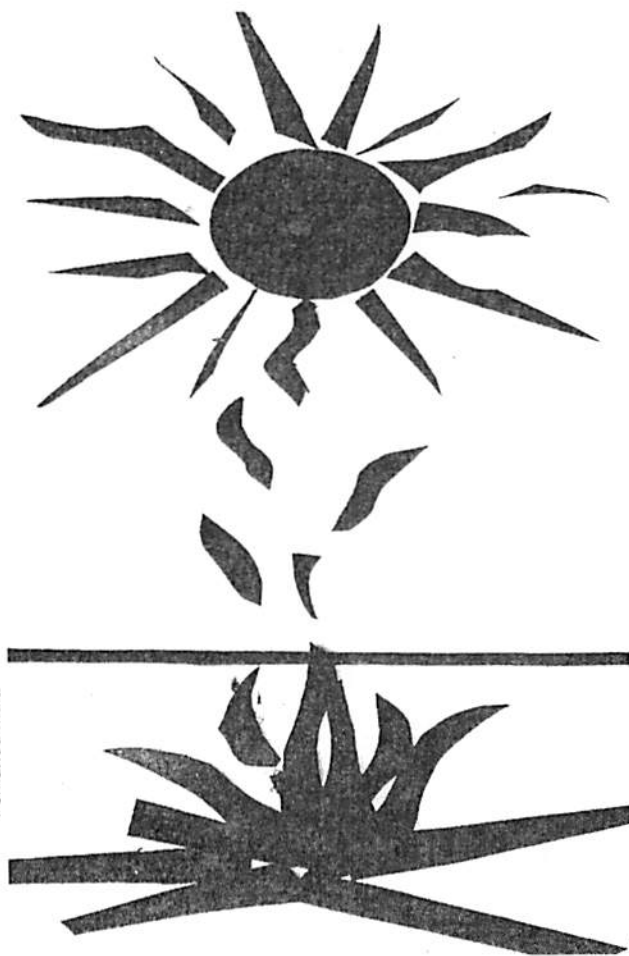
Todos aqueles que se encontravam com Pirarucu correram para a selva, terrivelmente assustados. Depois o corpo de Pirarucu, ainda vivo, foi levado para as profundezas do rio Tocantins

e transformado em um peixe gigante e escuro. Pirarucu desapareceu nas águas e nunca mais retornou, mas por um longo tempo ainda foi o terror da região.



MITO INDÍGENA DO SOL

(Índios Tucuna, Vale do Rio Solimões, Amazonas)



Fernanda Maia

Antigamente, muito antigamente, no tempo em que vivia entre os Tucuna, o Sol era um moço forte e muito bonito. Por ocasião da festa de Moça-Nova, o rapaz ajudava sua velha tia no preparo da tinta de urucu. Ia à mata e trazia uma madeira muito vermelha, chamada muirapiranga. Cortava a lenha para o fogo onde a velha fervia o urucu para pintar os Tucuna.

A tia do moço era muito mal humorada, estava sempre a reclamar e a pedir mais lenha. Um dia o Sol trouxe muita muirapiranga e a velha tia ainda resmungava insatisfeita. O rapaz resolveu então que acabaria com toda aquela trabalhadeira. Olhou para o fogo que ardia, soltando longe suas faíscas.

Olhou para o urucu borbulhante, vermelho, quente. Desejou beber aquele líquido e pediu permissão à tia

que consentiu: - Bebe, bebe tudo e logo, disse zangada.

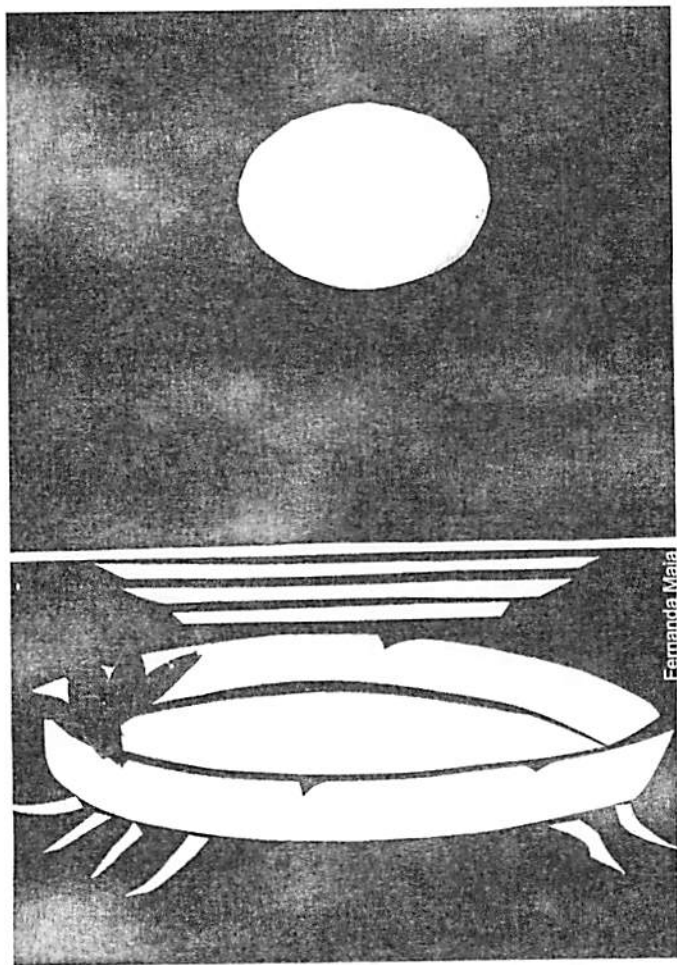
Ela julgava e desejava que o moço morresse. Mas, à medida que ia bebendo a tintura quente, o rapaz ia ficando cada vez mais vermelho, tal qual o urucu e a muirapiranga.

Depois, subindo para o céu, intrometeu-se entre as nuvens. E passou desde então a esquentar e a iluminar o mundo.



A LENDA DA VITÓRIA RÉGIA

(Lenda da região Norte do Brasil, Amazonas)



Fernanda Maia

Conta a lenda que uma bela índia chamada Naiá apaixonou-se por Jaci (a Lua), que brilhava no céu a iluminar as noites. Nos contos dos pajés e caciques, Jaci de quando em quando descia à Terra para buscar alguma virgem e transformá-la em estrela do céu para lhe fazer companhia. Naiá, ouvindo aquilo, quis também virar estrela para brilhar ao lado de Jaci.

Durante o dia, bravos guerreiros tentavam cortejar Naiá, mas era tudo em vão, pois ela recusava todos os convites de casamento. E mal podia esperar a noite chegar, quando saía para admirar Jaci, que parecia ignorar a pobre Naiá. Mas ela esperava sua subida e sua descida no horizonte e, já quase de manhãzinha, saía correndo em sentido oposto ao Sol para tentar alcançar a Lua.

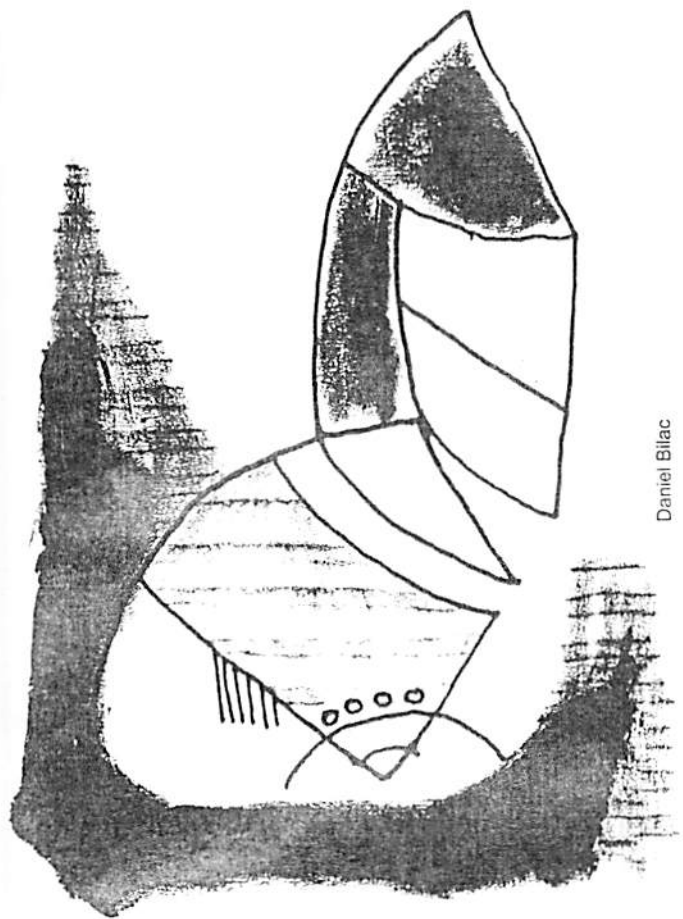
Corria e corria até cair de cansaço no meio da mata. Noite após noite, a tentativa de Naiá se repetia. Até que ela adoeceu. De tanto ser ignorada por Jaci, a moça começou a definhar. Mesmo doente, não havia uma noite que não fugisse para ir em busca da Lua. Numa dessas vezes, a índia caiu cansada à beira de um igarapé.

Quando acordou, teve um susto e quase não acreditou: o reflexo da Lua nas águas claras do igarapé a fizeram exultar de felicidade! Finalmente ela estava ali, bem próxima de suas mãos. Naiá não teve dúvidas: mergulhou nas águas profundas e acabou se afogando.

Jaci, vendo o sacrifício da índia, resolveu transformá-la numa estrela incomum. O destino de Naiá não estava no céu, mas nas águas, a refletir o

clarão do luar. Naiá virou a Vitória Régia, a grande flor amazônica das águas calmas, a estrela das águas, tão linda quanto as estrelas do céu e com um perfume inconfundível. É que só abre suas pétalas ao luar.

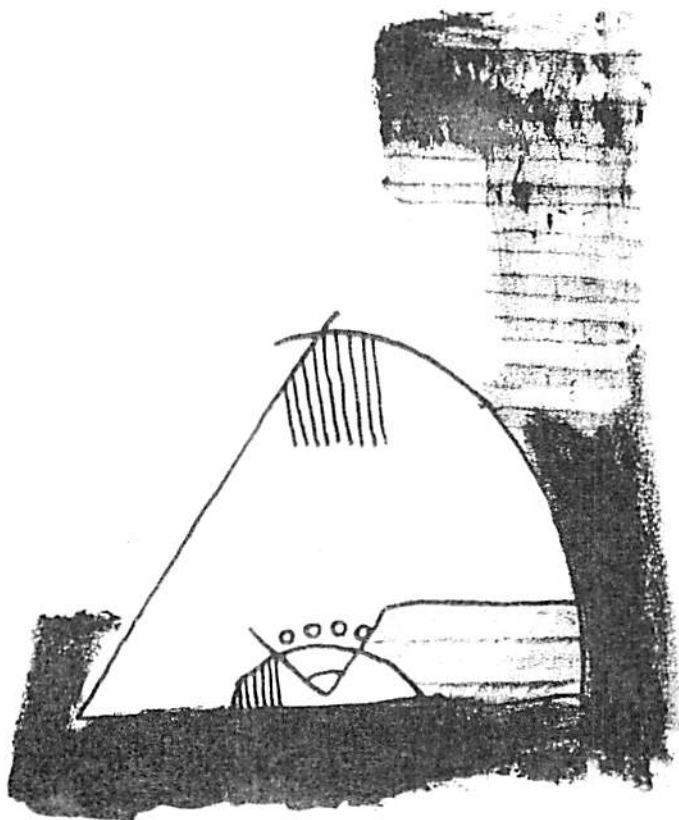




Daniel Bilac

A LENDA DA MANDIOCA

(Região Norte do Brasil, Amazonas)



A mandioca é uma raiz amidoada, muito volumosa, usada para fazer um especial tipo de farinha. A farinha da mandioca faz parte da comida diária dos nativos da Amazônia, sendo usada sozinha ou com arroz, batata e milho, como acompanhamento para peixe, carne ou feijão. Essa raiz possui um forte veneno, cianide, que precisa ser eliminado durante a preparação da farinha. Isso é feito durante o cozimento ou a fermentação da raiz. A massa obtida é tostada e, assim, fica pronta para a armazenagem.

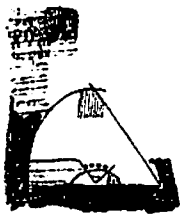
Em épocas remotas, a filha de um poderoso tuxaua foi expulsa de sua tribo e foi viver em uma velha cabana distante por ter engravidado misteriosamente. Parentes longínquos iam levar-lhe comida, e assim a índia viveu até dar à luz uma linda menina, mui-

to branca, à qual chamou de Mani. A notícia do nascimento espalhou-se por todas as aldeias e fez o grande chefe tuxaua esquecer as dores e os rancores e cruzar os rios para ver sua filha. O novo avô se rendeu aos encantos da linda criança a qual se tornou muito amada por todos. No entanto, ao completar três anos, Mani morreu de forma também misteriosa, sem nunca ter adoecido. A mãe ficou desolada e enterrou a filha perto da cabana onde vivia e sobre ela derramou seu pranto por horas.

Então, seus olhos cansados e cheios de lágrimas viram brotar sobre a campa da filha uma planta que cresceu rápida e fresca. Todos vieram ver a planta miraculosa que mostrava raízes grossas e brancas, em forma de chifre. Todos queriam provar das raízes, em honra

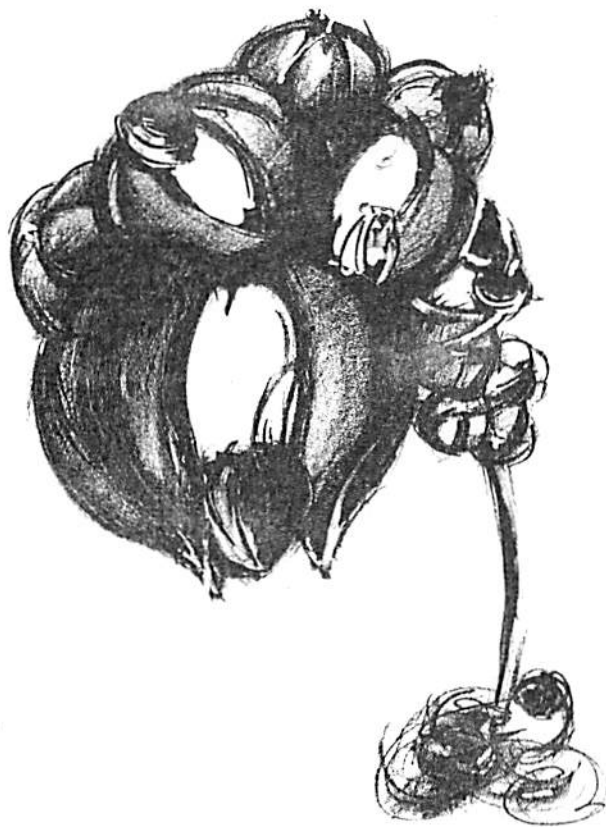
da criança que tanto amavam. Desde então, a planta passou a ser um excelente alimento para os índios e para toda a região.

Entre nós, seu nome é formado pelas palavras mandi (uma variante de Mani, o nome da criança) e oca (uma variante de *aca*, que significa “semelhante a um chifre”).



LENDA DO GUARANÁ

(Lenda da região Norte do Brasil, Amazonas)



Ricardo D'Agostini

O guaraná é um fruto da Amazônia usado para fazer uma soda ou refrigerante de sabor doce e agradável. É uma bebida bastante popular na Amazônia. A origem desse fruto é explicada pela seguinte lenda: um casal de índios pertencente à tribo Maués vivia por muitos anos sem ter filhos e desejava muito ter pelo menos uma criança. Um dia, eles pediram a Tupã uma criança para completar sua felicidade. Tupã, o rei dos deuses, sabendo que o casal era cheio de bondade, lhes atendeu o desejo trazendo a eles um lindo menino.

O tempo passou rapidamente e o menino cresceu bonito, generoso e bom. No entanto, Jurupari, o deus da escuridão, sentia uma extrema inveja do menino, da paz e da felicidade que ele transmitia, e decidiu então ceifar aquela vida em flor.

Um dia o menino foi coletar frutos na floresta e Jurupari se aproveitou da ocasião para lançar sua vingança. Ele se transformou em uma serpente venenosa e mordeu o menino, matando-o instantaneamente.

A triste notícia espalhou-se rapidamente. Nesse momento, trovões ecoaram na floresta e fortes relâmpagos caíram pela aldeia. A mãe, que chorava em desespero, entendeu que os trovões eram uma mensagem de Tupã, dizendo que ela deveria plantar os olhos da criança e que deles uma nova planta cresceria dando saborosos frutos.

Os índios obedeceram ao pedido da mãe e plantaram os olhos do menino. Nesse lugar, cresceu o guaraná, cujas sementes são negras e têm um arilo em seu redor, imitando os olhos humanos.



A LENDA DO BOTO

(Região Norte do Brasil, Amazonas)



Ricardo D'Agostini

Existem dois tipos de botos na Amazônia, o rosado e o preto, sendo cada um de diferente espécie com diferentes hábitos e envolvidos em diferentes tradições. Viajando ao longo dos rios, é comum ver um boto mergulhando ou ondulando as águas à distância.

Comenta-se que o boto preto ou tucuxi é amigável e ajuda a salvar as pessoas de afogamentos, mas dizem que o rosado é perigoso. Sendo de visão ineficiente, os botos possuem um sofisticado sistema de sonar que os ajuda a navegar nas águas barrentas do Rio Amazonas.

Depois do homem eles são os maiores predadores de peixes. A lenda do boto é também uma crença que o povo costuma lembrar ou dizer como piada quando uma moça encontra um

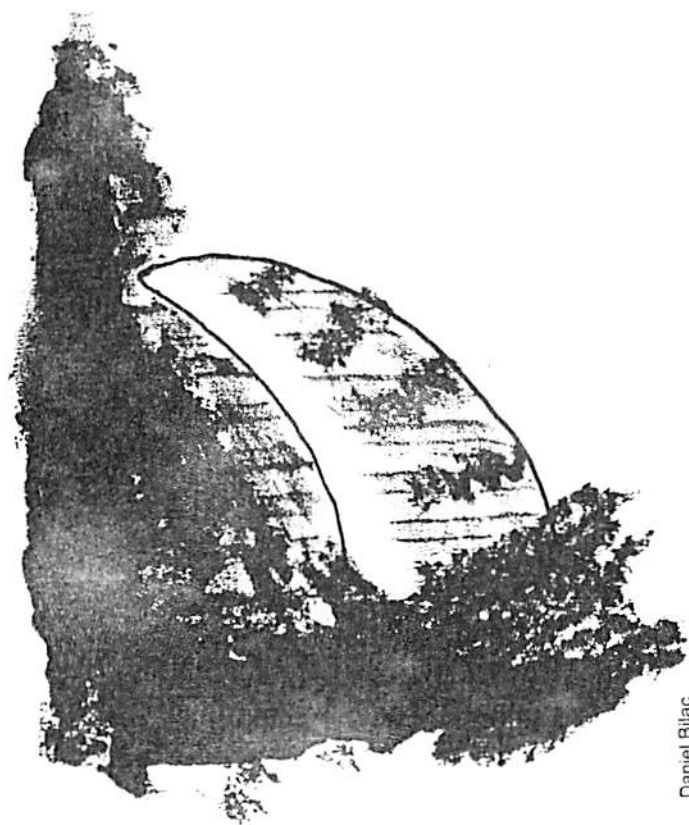
novo namorado nas festas de junho.

É tradição junina do povo da Amazônia festejar os Dias de Santo Antônio, São João e São Pedro. Nessas noites se fazem fogueiras e se queimam foguetes. Também há consumo de comidas típicas e se dançam quadrilhas ao som alegre das sanfonas.

As lendas contam que nessas noites, quando as pessoas estão distraídas celebrando, o boto rosado aparece transformado em um bonito e elegante rapaz, mas sempre usando um chapéu, porque sua transformação não é completa e suas narinas se encontram no topo de sua cabeça fazendo um buraco. Como um cavalheiro, ele conquista e encanta a primeira jovem bonita que encontra, leva-a para o fundo do rio, engravidando-a, e nunca mais volta para vê-la. Durante essas festividades, quando

um homem aparece usando um chapéu, as pessoas pedem para que ele o retire para que não pensem que é um boto. E quando uma jovem engravida e não se sabe quem é o pai da criança, é comum se dizer que é um “filho do boto”.

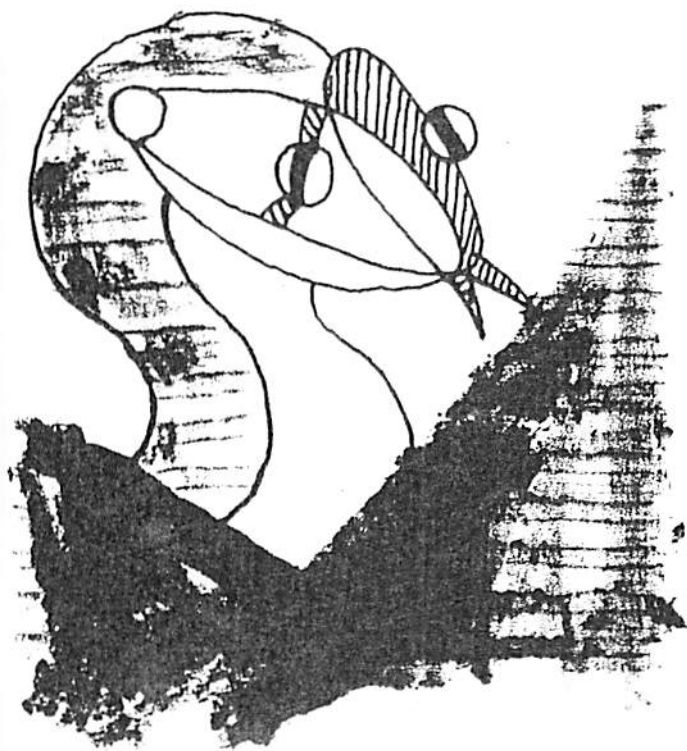




Daniel Bilac

A LENDA DA COBRA GRANDE

*(Em uma das versões da Região Norte do Brasil,
Pará e Amazonas)*



Essa é uma das mais conhecidas lendas do folclore amazônico. Numa tribo indígena da Amazônia, uma índia, grávida da Boiúna (cobra-grande, sucuri), deu à luz duas crianças gêmeas que na verdade eram cobras.

Um menino, que recebeu o nome de Honorato ou Nonato, e uma menina chamada Maria. Para ficar livre dos filhos, a mãe jogou as duas crianças no rio. Lá no rio eles, como Cobras, se criaram. Honorato era bom, mas sua irmã era muito perversa. Prejudicava os outros animais e também as pessoas.

Eram tantas as maldades praticadas por ela que Honorato acabou por matá-la para pôr fim às suas perversidades. Honorato, em algumas noites de luar, perdia o seu encanto e adquiria a forma humana transformando-se em

um belo rapaz, deixando as águas para levar uma vida normal na terra.

Para que se quebrasse o encanto de Honorato era preciso que alguém tivesse muita coragem para derramar leite na boca da enorme cobra, e fazer um ferimento na sua cabeça até sair sangue. Ninguém tinha coragem de enfrentar o enorme monstro. Até que um dia um soldado de Cametá (município do Pará) conseguiu fazer tudo isso e libertar Honorato da maldição.

E ele deixou de ser cobra d'água para viver na terra com sua família.



X

E então, leitor, você conhece outros mitos e lendas? As páginas em branco, a seguir, são para você escrever e/ou ilustrar uma história. Envie seu texto para um dos endereços (eletrônico ou postal) a seguir. Sua história poderá ser publicada em nosso próximo livro de bolso!

Contatos:
(31) 3409-6054
telatexto@ufmg.br
atelaetexto@yahoo.com.br

Profa. Maria Antonieta Pereira
Programa A tela e o texto
UFMG/Faculdade de Letras
Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha
Belo Horizonte - MG
CEP - 31.270.901

DOAÇÃO
De: Dinhe Editorial
Tela e texto / FALZ
Em: 13 / 06 / 2008
R\$: 1,00

Vasto é o Brasil de antigas lendas,
Uma delas é a do Boitatã;
Touro feroz com fogo nas ventas,
Faz o caboclo se apavorar.
Nosso folclore tem muitas danças,
Do Maracatu ao Boi Bumbá.

Sexilha do Cordel das Lendas Bovinas,
de Jorge Fernando dos Santos,
Ed. Paulinas, 2007,
ilustrações de Graça Lima.



a tela
e o texto



Realização: